



ARQUITETURA VERNÁCULA, MATERIAIS, TECNOLOGIA, TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS.

AS ORIGENS DA CONSTRUÇÃO VERNACULAR NO SERTÃO DO NORDESTE BRASILEIRO

**LIMA, DARLAN R. DE (1); BESSA, SOFIA A. LIMA (2); EIRES, RUTE M.
GONÇALVES (3).**

1. Universidade do Minho- PT. Escola de Engenharia Civil.

e-mail: darlanarq@gmail.com

2. Depto. de Tec. do Design, da Arq. e do Urbanismo. Escola de Arquitetura – UFMG.

e-mail: sofiabessa@ufmg.br

3. Universidade do Minho- PT. Escola de Engenharia Civil.

e-mail:rute@civil.uminho.pt

RESUMO

A região sertão é assinalada pelas características semiáridas do bioma caatinga. A ocupação humana faz-se presente desde períodos pré-históricos, originando os povos indígenas da região. Com a colonização, as influências ibéricas e africanas conformaram a cultura e as técnicas construtivas da região. O objetivo deste trabalho foi identificar as possíveis origens das construções vernáculas do Sertão do Nordeste do Brasil, discutindo-se as técnicas, os procedimentos e os materiais empregados. A partir desse levantamento, compreender as potencialidades e as ineficiências das técnicas vernáculas encontradas nas construções da região nos dias atuais.

Palavras-chave: Sertão do nordeste brasileiro; Arquitetura vernácula; Técnicas e materiais construtivos; Construção em terra.

INTRODUÇÃO

Sertão do nordeste brasileiro

A Região Nordeste do Brasil em razão de suas características econômicas, sociais e físicas é dividida em quatro sub-regiões, a saber: Meio-Norte, Sertão, Agreste e Zona da Mata. Considerando ainda que “... O nordeste do Brasil é, na atualidade, a região mais subdesenvolvida do hemisfério ocidental. Gigantesco campo de concentração para 30 milhões de pessoas, hoje amarga a herança da monocultura do açúcar...” (GALEANO, 2013, p. 92), motivo pelo qual justifica-se a intenção deste estudo, no intuito de compreender os caminhos e a conformação das construções vernáculas da região em questão, à medida em que a região sertão é a mais desfavorecida economicamente do Brasil.

O bioma predominante da região sertão é a Caatinga. O nome “caatinga” é de origem Tupi-Guarani e significa floresta branca, que certamente caracteriza bem o aspecto da vegetação na estação seca, quando as folhas caem (LEAL, et al, 2003). A Caatinga esta circunscrita na região Sertão do Nordeste do Brasil e numa pequena faixa de Minas Gerais, sendo a única região natural brasileira com seus limites restritos dentro do território nacional.

A caatinga na maior parte de sua extensão caracteriza-se por um clima quente e semi-árido, sazonal, com uma média de 400 a 800 mm de chuva por ano, sendo distribuídos de três a seis meses. É a região semiárida com maior índice pluviométrico do mundo. Possui uma vegetação de florestas arbóreas e arbustivas, com presença de arbustos com galhos retorcidos, cactos e bromélias. O solo em sua maioria é raso, rico em minerais, pobre em matéria orgânica devido às características da região, pedregoso e com fragmentos de rochas na superfície. Levando-se em consideração a enorme biodiversidade encontrada na Caatinga, dividiu-se a caatinga em 8 ecorregiões, o que vem a ser “... uma unidade relativamente grande de terra e água delimitada pelos fatores biótico e abióticos que regulam a estrutura e função das comunidades naturais que lá se encontram...” (VELLOSO et al., 2001 p. 3). As ecorregiões são: Complexo de Campo Maior; Complexo Ibiapaba – Araripe; Depressão Sertaneja Setentrional; Planalto da Borborema; Depressão Sertaneja Meridional; Dunas do São Francisco; Complexo da Chapada Diamantina e Raso da Catarina.

Devido às diferenças relativas ao clima, a terra e a água e ainda a biodiversidade em cada ecorregião, os fatores concernentes a aptidão natural de cada uma convergiram para técnicas construtivas específicas, levando em conta, principalmente, o uso do solo como material de construção. Contudo, observa-se na região como um todo que, as técnicas que perfazem o arcabouço das construções tradicionais, ou mesmo as matrizes que fundam as técnicas vernáculas da região sertão, utilizam, a princípio, os materiais vegetais e, posteriormente, a terra enquanto principal material utilizado nas construções. Portanto objetivou-se reconhecer a origem das construções, desde, suas técnicas, os materiais e os procedimentos empregados nas construções da região.

Segundo Weimer (2012) vernáculo tem sua origem no latim e designa o que é próprio de uma região, ou mesmo as praticas e costumes de um mesmo lugar. A palavra tradição designa a transmissão de costumes e práticas, por via oral, narrativas, a partir de seus hábitos e valores difundidos para as futuras gerações CUNHA (2010). Portanto os termos construções vernáculas e tradições construtivas da região em foco terão sentidos análogos, para assim clarificar a compreensão dos termos utilizados.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O POVOAMENTO DA REGIÃO: DO INÍCIO À ATUALIDADE

A influência indígena

Alguns pesquisadores apontam que grupos humanos já habitavam a América do Sul há cerca de 60 mil anos (GUIDON, 2008; PROUS, 1997). Referindo-se ao povoamento da América do Sul e destacando o contexto brasileiro no âmbito das povoações pré-históricas, nota-se, que

há 359 datações entre treze mil e sete mil anos AP (Até o Presente) associadas a 117 sítios arqueológicos, distribuídos por todo o território nacional. De fato, o número de datas é maior, mas essa amostra representa somente aqueles sítios que apresentam dados confiáveis quanto ao tipo de material datado, o método de coleta e análise, a referência de laboratório, a proveniência estratigráfica e o contexto cultural associado a amostra datada (BUENO, 2015).

Ao observar as referências, com foco na historiografia da região, pode-se observar as formas de habitações constituídas desde os tempos pré-históricos. De

maneira a avistar as linhas de pensamento sobre a chegada do homem no sertão e, a escala de tempo sobre o qual se debruça as informações contidas nas referências, referindo-se a era glacial ocorrida há 100.000 anos “... a retenção de grandes massas de água na forma de gelo em regiões polares durante os avanços glaciares provocou um rebaixamento de mais de 100 m no nível dos oceanos...” (PROUS, 1997, p. 10). Concomitantemente Guidon (2008) sustentou que,

Com o mar mais baixo, o número de ilhas entre a costa euro-africana e a costa sul-americana, era bem maior. As correntes marítimas favorecem a passagem para oeste, para o Caribe e para o litoral norte do Brasil.

De acordo com Chiara (2007), mencionando a Missão Arqueológica Franco-brasileira volvida em 1970, conexas à região sertão do nordeste brasileiro, identificou-se a ocupação de povos caçadores, coletores e agricultores durante 100.000 anos e, na região em questão,

Seus abrigos e paredes rochosas ostentam centenas de desenhos que datam de mais de 20.000 anos. A quantidade e o teor desses desenhos e outros indícios arqueológicos denotam apreciável densidade demográfica, que decresceu bruscamente depois da invasão da área pelos criadores de gado, vindos do litoral nordestino, onde foi iniciada a exploração da cana de açúcar.

Ao analisar uma correspondência, ou mesmo a pura continuidade da “evolução” que se observa dessa forma de habitação do período pré-histórico, Weimer (2012) apresentou as moradas em tocas no alto sertão piauiense, que vieram à luz durante os estudos e descobertas feitas por Guidon (2008) na Serra da Capivara na década de 80. Esses abrigos e habitações eram chamados de ‘tocas’ e,

Muitas dessas tocas ainda eram habitadas quando os arqueólogos iniciaram seus trabalhos. Nelas viviam grupos familiares que se dedicavam a plantação de macaxeira (mandioca que servia de alimentação e à produção de farinha, que se constituía numa fonte de renda), à caça e à recoleta...” (WEIMER, 2012).

Verificou-se que em pleno século XXI, existem pessoas vivendo em características muito semelhantes como há quinze mil anos. Como é o caso de Dona Zabé da Loca, tocadora de pife, instrumentista e compositora brasileira que em 2008 foi condecorada com a Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura do Brasil, viveu 25 anos em uma loca (caverna ou toca) circunscrita nas proximidades do município de Monteiro, Paraíba (MINC, 2019). Nota-se que, neste caso, a semelhança com as moradas em toca descritas por Weimer (2012), onde foi possível observar duas paredes de taipa de mão exercendo a função de vedações laterais e uma frontal e “... o abrigo era formado quase integralmente pela rocha, e os poucos trastes do grupo eram resguardados atrás de uma parede formada por um trançado embaixado e por uma cobertura de palha que fazia o papel de cozinha...” (WEIMER, 2012 p.5).

Das populações pré-históricas, originaram-se as populações indígenas da região sertão. Considera-se que toda costa brasileira estava habitada por populações indígenas quando os colonizadores nela aportaram. Fundamentando-se nesta hipótese, os povos primitivos chegaram à costa do nordeste brasileiro, trazidos, provavelmente, pelas correntes marítimas do atlântico sul. Parte dessa população que atinge a costa, por ela sobe e dirigem-se à Amazônia. Outra parte desse grupo encaminhou-se pelas margens do rio Parnaíba, adentrou em um de seus afluentes, o rio Piauí, que percorria dentro da depressão da planície do Rio São Francisco, chegando à região de São Raimundo Nonato, localizada no Sertão do Piauí (GUIDON, 2008).

Essas migrações buscam explicar o povoamento do território brasileiro, onde não apenas a costa do nordeste estava habitada quando da chegada dos colonizadores, sendo possível identificar dois grandes grupos que subdividem essas populações: os tupis-guaranis e os tapuias (FAUSTO, 1995). O grupo lingüístico predominante na costa brasileira era o tupi-guarani que, quando mais afastados do litoral, foram também denominados de guarani e “... apesar dessa localização geográfica diversa dos tupis e dos guaranis, falamos em conjunto tupi-guarani, dada a semelhança da cultura e da língua...” (FAUSTO, 1995). Os grupos que falavam outras línguas tanto no litoral, como em rumo ao sertão, eram chamados de tapuias “... uma palavra genérica usada pelos tupi-guaranis para designar índios que falavam outra língua...” (FAUSTO, 1995).

Nesse período as populações já se iam tornando sedentárias havendo assim a necessidade de construção de abrigos de longa permanência, utilizando os materiais disponíveis em cada sítio. Eram empregados os materiais vegetais que as florestas forneciam para construções das habitações, estas que se aproximam às que hoje se conhece, as cabanas e as ocas, que ainda são utilizadas em regiões onde as populações indígenas usufruem da liberdade de suas culturas sem os processos de aculturação e miscigenação.

Os povos ceramistas foram os sucessores dos povos coletores, seminômades, os chamados de povos do litoral, posto que habitavam o litoral do nordeste brasileiro, especialmente na Bahia. Já no século IX, “... começam a se instalar populações identificadas por uma produção ceramista bastante uniforme. Referimo-nos aos grupos denominados, arqueologicamente, Aratu...” (ETCHEVARNE, 2000, p. 123). Amostras de cerâmica da tradição Aratu foram encontradas em diversos sítios no litoral e cerrado do Rio São Francisco, região localizada no sertão do nordeste e, “... A semelhança do material, a extensão territorial do mesmo e a inclusão dos sítios em

uma faixa cronológica contínua permitiram a Calderón reconhecer que ele se encontrava diante de uma verdadeira tradição ceramista...” (ETCHEVARNE, 2000, p. 123). Ainda com relação à tradição Aratu e aludindo sobre suas moradas e aldeamento, o autor diz que,

Eram compostas por cabanas em número variável, conforme pode ser distinguido pelas manchas escuras de matéria orgânica que ficaram no solo. Aparentemente, eram instalações de longa permanência a julgar pela profundidade da camada de habitação, que em alguns casos, como por exemplo no sítio Beliscão, alcançam 90 cm (ETCHEVARNE, 2000, p. 124).

Prosseguindo na trajetória dos povos ceramistas “... Uma nova tradição ceramista é reconhecida no Nordeste, a partir do XI milênio, com os sítios arqueológicos derivados de instalações tupi-guarani...” (ETCHEVARNE, 2000, p. 124). Esse grupo ocupou grande parte do litoral brasileiro em movimentos migratórios diferentes e alguns arqueólogos, “... opinam que a interiorização desses grupos para áreas mais áridas, provavelmente por contingências históricas, foi efetuada via os rios perenes, adaptando-se a um ambiente de mata ciliar (Albuquerque 1983- 84: 131-4; 1991: 177-18 apud ETCHEVARNE, 2000, p. 124). Sob a ótica da arqueologia, os grupos tupis são denominados tupi-guarani, sendo reconhecidos, a priori, pelo material cerâmico, sendo possível diferenciar os grupos ceramistas pela decoração, forma e função dos componentes desse material cerâmico (ETCHEVARNE, 2000).

Referindo-se às habitações e às construções dessa tradição, notam-se alterações importantes em suas composições tanto nas cabanas como na disposição espacial, variando também as dimensões que as aldeias ocupavam,

Em linhas gerais, eram grupos numerosos que habitavam cabanas grandes, dispostas de forma mais ou menos semicircular, elíptica, em círculo ou em linhas retas paralelas. As camadas arqueológicas referente a esses grupos estão, em sua grande maioria, em superfície, e alcançam uma profundidade máxima de 40 ou 50 cm...” (ETCHEVARNE, 2000, p. 125).

Ao mencionar as habitações do grupo Aratu, Etchervarne (2000) apontou que eram habitações de longa permanência valendo-se da “profundidade da camada de habitação” que nessa tradição alcançavam 90 cm. Já na tradição Tupi-guarani alcançava a profundidade em torno de 40 cm a 50 cm. Observou Weimer (2012) que, moradias com particularidades semelhantes, neste caso edificações semi-enterradas, foram encontradas numa região que se estende desde a metade do Rio Grande do Sul até o Sul de Minas Gerais. Sendo essas edificações conhecida popularmente por ‘buracos de bugre’ e “... as mais antigas teriam sido construídas em 1750 a.C. (Sálvia, 1983, p.8 apud WEIMER, 2012). As semelhanças por agora ponderadas são das edificações semi-enterradas e,

por sua técnica construtiva pode-se afirmar que se tratava de civilizações sedentárias. A inércia térmica dava a essas casas condições de temperaturas excelentes, tanto nos rigores do inverno como nas altas temperaturas do verão [...]. De qualquer modo, parece tratar-se de estruturas provenientes de climas muito frios especificamente do nordeste da Ásia, de onde as populações ameríndias teriam se originado (WEIMER, 2012).

Ainda é escassa a literatura existente sobre as técnicas construtivas dos povos indígenas da Região Sertão do Nordeste do Brasil, fato que pode decorrer do próprio extermínio das populações, que ocorreu na região, por conta dos processos e conflitos advindos da colonização. Trazendo com o aniquilamento, quase que total, das populações indígenas, a morte também de sua cultura, logo, de suas edificações, tradições e técnicas construtivas.

A influência indígena nas construções vernáculas da região sertão é avistada quando a equivalência de mestiçagem é ao menos proporcional, ou seja, onde as populações indígenas conseguiram sobreviver e ter o mínimo de sua autonomia cultural, o que não seixa de ser lastimável, pois deveria ser a base de nossas tradições construtivas, uma vez que,

A formação básica da população brasileira é triíbrida. Ao contrario do procedimento ditado pelo colonizador que se coloca como senhor e ponto de partida de tudo quando acontece nessa terra, a lógica indica que se deveria iniciar pela contribuição dos indígenas, visto que foram eles os multisseculares donos desta terra (WEIMER, 2012).

Contudo, verifica-se um exemplo da influência indígena na formação das técnicas vernáculas circunscritas na região sertão, identificado no município de Barra, Bahia. Situada na margem ocidental do rio São Francisco, essa tipologia construtiva foi conhecida popularmente como a casa de buriti. Esta tipologia já apresenta influência das outras tradições que conformam as técnicas construtivas tradicionais da região, ainda assim preserva os materiais vegetais enquanto principais materiais utilizados nessa habitação.

A estrutura dessas casas é constituída por três traves paralelas, em que a central é mais elevada que as laterais. Os suportes verticais terminam em forma de forquilha, onde são encaixadas peças horizontais (cumeeira e frechais), são constituídos de troncos fendidos de buriti sobre os quais são amarrados os caibros que também são de buriti fendido (WEIMER, 2012).

Nessa estrutura amarram-se as folhas de buriti, utilizando a nervura como ripa. As paredes da casa são construídas com troncos de buriti ou carnaúba cerrados ao meio, cravados no chão como no pau-a-pique e suas frestas tampadas com folhas de buriti amarradas. Tendo por divisão interna o acesso central que leva à sala, ladeada em uma extremidade pela cozinha e na outra pelo quarto de dormir.

Essa é a clássica divisão da casa banto meridional, idêntica à casa açoriana. O chão de terra batida e o jeito de cozinhar com a panela apoiada sobre três pedras; o modo de fazer o trançado de fibra de coroá e o trançado das esteiras que servem para dormir sobre o chão também denotam influência indígena, do mesmo modo que a forma de amarrar as folhas nas frestas das paredes (WEIMER, 2012).

Influência ibérica

O período Pré-Colonial, durante a fase econômica de exploração do Pau Brasil, não teve em sua dinâmica traços que alterassem as técnicas, os métodos e os materiais de construção, posto que até metade do século XVI ocorria intensamente o tráfico do pau-brasil na costa conduzido por portugueses e franceses e “... Era uma exploração rudimentar que não deixou traços apreciáveis, a não ser na destruição impiedosa e em larga escala das florestas nativas donde se extraía a preciosa madeira...” (PRADO, 1970, p. 16). As técnicas construtivas se mantiveram quase inalteradas durante esse período, permanecendo a estrutura social dos povos indígenas que ali se encontravam e,

não se criaram estabelecimentos fixos e definitivos. Os traficantes se aproximavam da costa, escolhendo um ponto abrigado e próximo das matas onde se encontrava a essência procurada, e ali embarcavam a mercadoria que lhes era trazida pelos indígenas. (PRADO, 1970, p. 16).

Na ambiência das florestas úmidas do litoral nordestino iniciou-se o plantio da cana-de-açúcar, que foi adentrando, aos poucos em direção ao sertão. Com a decadência da economia açucareira deu-se início ao desbravamento do sertão, o que iniciou a fase econômica da cultura agropecuária do gado. A partir das fazendas de engenho e fazendas de gado, na simbiose das dinâmicas sociais e econômicas, as técnicas construtivas da região sertão e, tratando-se da influência ibérica,

os portugueses trouxeram consigo artesãos de ofícios da construção e com eles, uma variedade de técnicas construtivas cujas origens, imemoriais, remontavam os povos que sucessivamente conformaram o “povo lusitano” – romanos, visigodos e árabes (TINOCO, 2007, p. 3).

As técnicas construtivas lusitanas aportam em terras indígenas junto com os primeiros colonizadores, principiando por volta de 1530 e se transformando sob forte influência de suas origens até o final do século XIX. Trouxeram em suas naus grandes mestres de ofício, com saberes de mestres de obras e artífices, doutos nos processos e nos procedimentos de vários sistemas construtivos, tais como cantaria, o estuque, as alvenarias, a forja e a fundição, a carpintaria, a marcenaria e a pintura (TINOCO, 2012). Tinham, essencialmente, duas vertentes, uma erudita e outra popular. Entende-se pela vertente erudita a que estava representada e exercida pelos Engenheiros Militares,

Esses foram autores de tratados de fortificações, onde a arte da construção estava associada à tratadística Renascentista e à utilização de instrumentos de medição e a um conhecimento, ainda que rudimentar, da física e da química. (ARAÚJO, 2009, p. 01).

Já a vertente popular era representada pelos Mestres de Ofício que, “... traziam consigo um conhecimento acumulado durante séculos (de origem Românica e Medieval) transmitidos de forma oral e prática pelos mestres para os seus aprendizes...” (ARAÚJO, 2009, p. 02), contando para isso com as Organizações de Ofício.

Salienta-se que, no seio da hibridação, no que se refere às técnicas construtivas, as influências trazidas de cada cultura se entrelaçam e se conformam em uma, ou variadas formas do fazer. Por tanto é usual no transcorrer dessa formação construtiva em terras indígenas, mesmo com foco em uma vertente específica, observar-se influências das outras duas vertentes culturais, logo construtivas, que se relacionavam e se entrelaçam no ápice da gestação das técnicas construtivas da região.

Durante o ciclo econômico da cana de açúcar, as técnicas construtivas se consolidaram nos pequenos núcleos citadinos que se iam surgindo e principalmente na ambiência das fazendas de engenho de cana-de-açúcar. Consolidou-se com várias construções, a casa grande, a senzala, a casa do sertanejo, por vezes uma capela ou uma igreja. As técnicas construtivas utilizadas eram a taipa de pilão, as taipas leves, o tijolo cozido, as lajotas e a telha. Convergindo os métodos, os procedimentos e os materiais de construção para satisfazer as necessidades das construções.

Nos meados do século XVIII a região sertão estava no apogeu do seu desenvolvimento econômico, “... O gado nele produzido abastece, sem concorrência, todos os centros populosos do litoral, desde o Maranhão até a Bahia...” (PRADO, 1970, p. 46). E referindo-se às técnicas construtivas,

Era bastante rústica, de taipa ou adobe, muitas de vezes coberta de palha, e com acabamento pouco requintado. Eram rodeadas de alpendre, e ao seu lado situavam-se os telheiros que abrigavam os aviamentos de fabricar farinha e os currais. (BARROSO, 1912 apud DINIZ, 2013, p. 189).

Ao embrenhar nos interiores rumo aos sertões, o colonizador deu-se conta de outra ambiência geográfica, divergindo em sua fauna e flora das terras úmidas da zona da mata, encontrando um clima semi-árido, uma vegetação escassa e um solo pedregoso em sua grande maioria. Contudo as fazendas de gado se instalavam nas ribeiras dos rios, e dessa condicionante associada à necessidade da água, também resultam as técnicas construtivas, que por aptidão do local se descortinam quase que

naturalmente a opção pela pedra para fazer o alicerce, alguns tipos de taipas leves, o adobe e o tijolo cozido para as paredes e a telha cerâmica. Os solos argilosos desta ambiência encontravam-se habitualmente próximo aos rios.

Tratando-se das edificações do período do ciclo econômico do gado, que se desenvolveu na região, DINIZ (2013), propôs que não houve muita variação quanto aos materiais e aos métodos construtivos das casas de fazenda, principalmente no sertão dos Inhamuns "... resumindo-se a taipa e tijolo, sendo o último o mais utilizado nas edificações que subsistiram..." (DINIZ, 2013, p. 197). O alicerce ou baldrame, de pedra de lastro de rio, tinha por objetivo regularizar o terreno para assentar a casa. Tendo por variação de altura ao longo do perímetro da edificação até 2 m. Após o baldrame seguia-se uma camada de tijolos e depois se iniciava as paredes onde "... os tijolos eram de grandes dimensões e se emparelhavam em fiadas de 3 a 4 nas paredes externas, resultando em paredes estruturais auto-portantes..." (DINIZ, 2013, p. 197-198). As paredes internas tinham por altura média 3,35m, não alcançavam o teto, suas fiadas eram de 1 a 2 tijolos e as paralelas ao oitão faziam a sustentação da cobertura. Outras características que verifica a autora é que "... todas as paredes foram revestidas de reboco de barro, cal e areia, e caiadas. O piso era de ladrilho de barro cozido (20 cm x 20cm). Nenhuma das casas tinha forro..." (DINIZ, 2013, p. 198). O que faz crer que dentro do contexto das fazendas de gado do sertão havia oficinas de olaria, considerando que os tijolos das paredes, os ladrilhos dos pisos e as telhas da cobertura eram executados de acordo com as técnicas da olaria trazidas pelos colonizadores portugueses.

Influência africana

Numa premissa básica, pode-se circunscrever a África, dentro da perspectiva demográfica, em África Branca e África Negra. A África Branca, com a população de possível origem do oriente próximo, ocupou os contornos orientais e meridionais do Saara, chegando à costa do mediterrâneo, distingue-se da África Negra por características diversas. A África Negra encontra-se nas regiões sul e ao leste do Saara, ocupando também uma parte do Vale do Rio Nilo e compõem-se por uma população negróide. Foi desta área do continente africano que se originam os imigrantes que chegaram em terras brasileiras, e "... os centros mais importantes de imigração para o Brasil seriam Angola, Guiné e a contracosta (Moçambique)..." (WEIMER, 2012, p. 117).

Considerando a imensidade de culturas existentes no Continente Africano, os aspectos dessas culturas que chegaram ao Brasil e sua diversidade que se miscigenaram, já no Brasil, será direcionado esse momento, principalmente para as moradias e outras poucas edificações que trazem consigo aspectos relevantes para influência africana na formação das construções vernáculas da Região Sertão do Nordeste do Brasil.

Na África Negra são faladas qualquer coisa em torno de mil línguas diferentes. Isso vale dizer que devem existir um número semelhante de culturas arquitetônicas diferentes. [...] Cada uma delas se diversificam em numerosos programas (templos, palácios, prédios administrativos e comunais, praças, vias urbanas e rurais, construções de defesa, etc.) (WEIMER, 2008, p. 3).

A etnografia da população da África é tão complexa, quanto pouco conhecida. A grande variedade de línguas e culturas já mencionadas figura, sem muitos pormenores, a dimensão dessa pluralidade tão rica, bem como aprofundadas e assimiladas no tempo, há milênios, ainda hoje são apropriadas, praticadas e difundidas em seu território. Parte, desse pressuposto, a delimitação desse tema que, nega a antiga interpretação e de certo modo, ainda vigente, sobre a perspectiva que atribui uma visão diminuta e preconceituosa de uma África Bárbara pelo mundo branco, "... esta visão é impressionista, conceituando-a um bloco uniformemente compacto e amorfo..." (FROBENIUS apud TAVARES, 1977, p. 7).

Ao adentrar nas Américas como escravos, os diversos povos africanos foram resumidos genericamente a 'negros' e suas múltiplas culturas sofreram modificações. Alguns desses "arranjos" foram descritos por Weimer (2008) e Tavares (1977), com vista à influência nas construções vernáculas da região em foco. Esses arranjos ocasionados pela escravidão alterou, em grau acentuado, o comportamento social do povo africano e, no processo de aculturação, a cultura dominante suplantou as culturas africanas causando generalizada homogeneização devido à destribalização. A família poligâmica foi substituída pela monogâmica onde, as diversas culturas regionais se readaptaram em ambiente multicultural. Foi observado também que a manutenção de fatores culturais africanos só foi possível através de adaptações a novas condições interativas dos diversos grupos formadores, uma vez que, devido às condições em que ocorreu esta imigração, a religião acabou por se consolidar como principal suporte de africanidade.

Os efeitos desses arranjos podem ser vistos na arquitetura, por exemplo, pela simplificação e diminuição das tipologias construtivas. A imensidão dos povos, extensão e pluralidade dos territórios ocupados, culturas, etnias e suas variações em contextos ambientais e sociais específicos, dão-lhes uma diversidade descomunal de

tipologias construtivas onde, cada indivíduo trouxe consigo uma cultura, ou mesmo uma tradição. Os povos Bantos e Sudaneses foram os que em maior número chegaram ao Brasil, por esse motivo as atenções estarão centradas neles, principalmente nos Bantos.

De modo geral as influências das construções africanas dos povos Bantos e Sudaneses se organizavam em seu território de origem a partir das cubatas, estas eram habitações normalmente de uma família. A associação de varias cubatas, comumente da mesma família, denominava-se Kraal, que era o arranjo de varias cubatas num sítio comum de um grupo familiar ou étnico específico. Com o crescimento desse grupo, ou mesmo o arranjo de diversos kraals de um mesmo grupo étnico numa área especifica e delimitada, compunha-se o quilombo que, "... é a palavra quimbundo designativa de vila..." (WEIMER, 2008, p. 6). As especificidades da das configurações acima referidas, se diferenciam entre os dois povos pelos aspectos naturais das regiões habitadas e em suas nomenclaturas. O Kraal dos povos Bantos é denominado na cultura sudanesa de casa-castelo ou casa-pátio. E o quilombo dos povos Bantos é referido pelos sudaneses desde o designativo tabanca.

A tipologia cubata do tipo cone-sobre-cilindro dos povos bantos, foi pouco empregadas, todavia as habitações que mais se fizeram presentes são as casas de mocambo ou "cubata de mocambo", diferenciadas das demais por sua cumeeira de duas águas e suas plantas quadradas ou retangulares, a técnica construtiva variava entre as taipas de mão e o adobe. Outro tipo de cubata identificada foi para realização de trabalhos, incluindo os domésticos, ao ar livre, e por sob as cubatas de sopra ou de cozinha, que consistia normalmente em quatro pilares de madeira com cobertura vegetal. Não obstante, foram observadas essas práticas também nas populações ameríndias do Brasil.

De acordo com Tavares (1977) "... a Arquitetura do Quilombo merece especial destaque, o que se propiciará que se identifiquem possíveis raízes deixadas na nossa Arquitetura Popular..." (TAVARES, 1977, p. 18). São pressupostas duas formas de manifestação de quilombos no Brasil, os quilombos rurais e urbanos (Weimer, 2012). Todavia as atenções serão centradas no quilombo rural por estarem localizados na região em foco. O quilombo podia ser visto como a reconstituição dos modos de vida dos povos africanos em terras brasileiras, dado que foi onde puderam reconstituir e vivenciar suas culturas sem a repressão dos colonizadores. Referindo-se ao mais importante dos quilombos brasileiros, o Quilombo dos Palmares,

No começo os palmerinos viviam da caça, pesca e recoleção de alimentos, que significava uma regressão histórica, pois na África

havia sido agricultores, pastores, artesão, comerciantes e artistas. [...] Com o aumento da população puderam diversificar e criar uma economia complexa. Artesãos conheciam metalúrgica do ferro, fabricavam enxadas, facões, foices, etc...; trabalho que provavelmente teria o mesmo caráter honroso, quase que sagrado na África...” (TAVARES, 1977, p. 18 - 19).

As técnicas construtivas trazidas pelos povos africanos utilizavam a terra como principal material de suas construções, empregando também os materiais vegetais como madeiras e palhas. A taipa-de-mão e o adobe perfaziam os principais métodos de suas construções, para os pilares, as coberturas, portas e as janelas serviam-se dos materiais retirados das florestas, as madeiras e as palhas das palmeiras nativas como o buriti e a carnaúba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como efeito expõe-se o resultado das hipóteses sobre as contribuições para formação das construções vernáculas da região sertão, extraídas das contribuições indígenas, ibéricas e africanas. Poucas são as tipologias registradas, supostas e relacionadas às múltiplas culturas indígenas que, apoiar-se-á por hora, na Casa de Buriti, enquanto herança construtiva direta da cultura indígena da região sertão, que utilizava os materiais vegetais oriundo das florestas. O barreamento, a taipa-de-mão ou taipa de sopapo e o adobe atribui-se à origem africana. As construções em pedra advindas das técnicas da cantaria, a taipa de pilão e as técnicas derivadas da olaria como os tijolos queimados, as lajotas e as telhas compõem a influência ibérica. Já os arranjos das construções e suas plantas denotam a hibridação das três influências associadas.

Atualmente, devido à miscigenação da mão-de-obra escrava dos tempos coloniais, dos povos indígenas e africanos, dado que estes conviviam, na abrangência das fazendas de gado, em par de igualdades à exceção de alguns indivíduos, verifica-se que construções indígenas passaram a utilizar a terra enquanto material de construção em abobes, taipas, ou mesmo o tijolo cozido e telhas cerâmicas. Os índios que se miscigenaram e, os que retornaram às suas terras de origem na região em estudo, ostentam construções que se supõem sejam frutos da hibridação das técnicas construtivas dos povos que, no período colonial habitaram os sertões do nordeste brasileiro.

Esses povos, bem como outros não índios, habitam a região e, suas construções trazem consigo o amálgama de todo esse processo que ainda hoje se

perfaz, no encadeamento dos processos culturais, ambientais, econômicos e sociais que vão se ajustando entre o ambiente natural e as formas de sobrevivência desses povos. Do panorama apresentado, onde referencia-se as construções em terra, apropriadas pelos povos do sertão, apresentar-se-ão algumas indicações que fortalecem o argumento suposto.

Algumas habitações da Aldeia Cana Brava dos povos Guajajaras localizada na região semiárida do estado do Maranhão, apresenta a taipa de mão numa das paredes de vedação e a cobertura em duas águas, resultante da influência africana e noutra parede, palhas de palmeiras, bem como na cobertura, que são características das técnicas indígenas.

A configuração da Aldeia Fulni-ô, localizada no município de Águas Belas no sertão do Pernambuco, o arranjo paralelo das habitações, as casas sobre um platô de terra apilada e tijolos, as paredes de adobe ou tijolo cozido, aparentemente sem janelas, o telhado de duas águas e as atividades realizadas fora das habitações, se mostram concordantes com as observações aferidas sobre os encaminhamentos das técnicas construtivas da região em foco, resultante da hibridação cultural da região, denotando aspectos da influência africana e ibérica.

No Sertão de Itaparica, no município de Floresta, em Pernambuco, outro exemplo indica que a estrutura de algumas edificações compreende toras de madeira encravadas diretamente no solo, varas amarradas por cipós no sentido perpendicular às toras, podendo ser associada às estruturas das cabanas indígenas. O preenchimento dos espaços vazios foi feito com barro, sinalizando a influência africana com as técnicas de barreamento. Na fachada e, em uma das laterais o barro foi regularizado e recoberto por cal, costume trazido pelos ibéricos, influencias também avistadas nas portas e janelas. A cerca de galhos retorcidos, delimitando o terreno da habitação, equivalem-se as mesmas cercas de origem africana, trazidas pelos povos de lá, oriundas das delimitações das cubatas dentro do arranjo coletivo descrito como Kraal e, transplantado e adaptado no ambiente do sertão do nordeste brasileiro (WEIMER, 2012).

Essas edificações demonstram, sem grandes pormenores, as possíveis origens das construções tradicionais do sertão. Tradições essas que continuam a ser praticadas no cotidiano da região. Afastando-se dos preconceitos associados às construções em terra e, contribuindo com ações de acessória técnica envoltas aos procedimentos de melhorias para essas habitações, pode-se vislumbrar um aperfeiçoamento significativo no conforto, salubridade e durabilidade dessas

edificações. Respeitando assim, o saber inato contido nas técnicas tradicionais de construção da região e, valorando a cultura dos povos do sertão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Roberto Antônio Dantas de. **Técnicas Construtivas Tradicionais. CECI**, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2009.

ASA BRASIL. **Articulação Semiárido Brasileiro**. Consultado em: <http://www.asabrasil.org.br>, (Visitado em 30-01-2018).

BUENO, Lucas; DIAS, Adriana. **Aspectos da Arqueologia Brasileira. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. Estud. av. vol.29 no. 83 São Paulo Jan./Apr. 2015.

CARVALHO, R.; CARRÉRA, M; SURYA, L. **Arquitetura Vernacular no Sertão de Itaparica-PE: Experiência de Registro como Memória**. Revista Noctua, 1: 66-78, 2016.

CHIARA, Vilma - Etnóloga – FUMDHAM. **Origens do Ser Humano X o Ser Humano Segundo Suas Origens. FUMDHAMENTOS VI** – Revista Científica. 2007.

COLIN, Silvio. **Técnicas construtivas do período colonial**. Disponível em: <<https://imphic.ning.com/group/historiacolonial/forum/topics/arquitetura-colonial>>. Acesso em: 02-09- 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da, 1924-1999. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. - 4 ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Um sertão entre tantos outros: fazendas de gato das Ribeiras do Norte**. Tese (Doutorado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUSP. São Paulo, 2013.

ETCHEVARNE, Carlos. **A Ocupação Humana do Nordeste Antes da Colonização Portuguesa**. REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999- 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª Edição. Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 1995.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. L&PM. Porto Alegre, 2013.

GUIDON, N. **As ocupações pré-históricas do Brasil (Excetuando a Amazônia)**. In: História dos índios no Brasil. FAPESP/SMC/Companhia das Letras, Organização Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo, 1992.

GUIDON, N. Revista **FUMDHAMENTOS VII**, 2008.

LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso. **Ecologia e conservação da caatinga**. Prefácio de Marcos Luiz Barroso Barros. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

MINC. **Ministério da Cultura do Brasil**. 2019. <http://culturaspopulares.cultura.gov.br/zabe-da-loca/>. Acessado em 20-08-2019.

NEVES, Eduardo Góes. **Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil**. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

Povos Indígenas no Brasil. Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Consultado em: 10-06-2019.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

PROUS, André. **O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica.** REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 8-21, junho/agosto 1997.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil.** Companhia das Letras, Segunda edição. São Paulo, 1995.

TAVARES, Maria Sampaio (Arquiteta Coordenadora do Trabalho). IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. **Influência do Negro na Arquitetura Brasileira.** I CONGRESSO DE CULTURA NEGRA DAS AMÉRICAS. São Paulo, Brasil. Agosto, 1977.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. **Teoria e Prática da Conservação. As Experiências do CECI no uso de Materiais e Técnicas Tradicionais.** Textos para Discussão – Série 2 – Gestão de Restauro. CECI, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2012.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena; ARAÚJO, Roberto Antônio Dantas de. **Técnicas Tradicionais, A terra como Material de Construção, Um Método de Ensino à Distância.** CECI, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2007.

VELLOSO, Agnes L. Sampaio; PAREYN, Everaldo Frans. **Ecoregiões, Proposta para a Caatinga.** Resultados do Seminário de Planejamento Ecorregional da Caatinga, Aldeia, Pernambuco, 2001.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira.** 2ª Edição – Editora WMF Fontes (Raizes). São Paulo, 2012.

WEIMER, Günter. **Evolução da Arquitetura Indígena.** Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2014.

WEIMER, Gunter. **Inter-Relações Arquitetônicas Brasil – África.** Pronunciamento de Posse como Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 28 de Maio, 2008.